



A LIBERDADE HUMANA PARA SARTRE

Vinicius Telles De Sá Vago¹

RESUMO: O artigo é uma explanação sobre o conceito de Liberdade para Sartre. Este tema é um dos temas mais discutidos na Filosofia em todos os tempos. Sartre, trata a Liberdade sob um vies Existencialista, sendo essa inerente ao homem e imprescindível ao mesmo. Para a existência do sujeito como tal, ele não pode abrir mão de sua Liberdade, pois só se torna existente quando usa sua Liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade, Existência, Ma-Fe, Escolha

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a fazer comentários sobre os contornos conceituais da Liberdade vista a partir dos escritos de Sartre e percorrer os pontos do homem existencialista e sua liberdade. Como isto se manifesta em confronto com a existência dos outros e como as escolhas, por mais diferentes e condicionais vão de forma afirmativa comprovar a que a liberdade está sempre presente na consciência do acontecimento da vida humana.

O termo liberdade desde os gregos tem seus contornos uma conotação fortemente política e jurídica, sem ligações subjetivas com as idéias de ato voluntário em oposição ao ato involuntário. Na filosofia moderna a liberdade vai aparecer em referência ao mundo externo e ao serviço, significando a possibilidade de fazer o que se quer passando a liberdade a aparecer como exteriorização da vontade. Nasce então a noção de liberdade de consciência.

Sartre era um homem inquieto. Nascido em uma família abastada em Paris no ano de 1.905, teve o pai morto logo cedo. Voltou-se com a mãe a viver com os avôs maternos. Órfão, Sartre foi criado pela mãe na casa dos avôs, e que parece ter pesado sobre ele os frutos de uma criação solitária.

Em “O Ser e o Nada”, Sartre faz a grande coletânea de suas idéias, onde traça uma narrativa existencial onde o conceito de existir torna-se o ponto fundamental do seu pensamento. Ele reconhece o progresso considerável no pensamento moderno sem, contudo, enxergar como isto

¹ Graduado em Letras Português e Inglês, ênfase em estudos literários. Graduando em Filosofia, ênfase em Educação.

tenha dado conta de resolver o problema da existência. Ele primeiro rejeitou a idéia de um interior do exterior existente. Para ele as aparições do existente revelam o Existente, porque não são interiores ou exteriores a não ser o existente mesmo. O Dualismo do Ser e do Aparecer não encontraria lugar mais na filosofia, porque o ser de um existente é exatamente o que o existente aparenta. E o fenômeno é exatamente o que aparenta e se revela como é. Então ele definitivamente vai rejeitar o dualismo da aparência e da essência.

2. O SER EM SARTRE

O Ser para Sartre tem o seu SER próprio que se manifesta pelo fenômeno. O Fenômeno é o que se manifesta; o ser manifesta-se a todos de algum modo, pois dele podemos falar e dele temos certa compreensão. Sartre então passa a pensar sobre o homem a partir do estudo de sua existência, o que nos aparenta um corte ontológico na estrutura do ser. O Ser-em-si é. O que significa dizer que o ser não pode ser derivado do possível nem reduzido ao necessário.

"O ser permanece alheio às noções do possível e do necessário; não deriva de um possível e não se pode justificá-lo por nenhum tipo de necessidade. A possibilidade pertence à estrutura humana, e a necessidade não passa de uma noção ideal, exterior ao existente. Dessa forma, o ser-em-si resolve-se como contingência radical." (BORNHEIM, p. 35)

O Ser é. O Ser é em Si e o Ser é o que é, arremata Sartre. "O em-si se esgota em ser o que ele é, e isso de um modo tão radical que consegue escapar à própria temporalidade." (BORNHEIM, p. 34) Este é o ser que existe, que tem vontades, que se prende a liberdades, que vai partir da racionalidade para escolher e exercer sua liberdade.

A Existência precede a Essência, foi o ponto de partida de toda a filosofia existencialista. O Homem existe e pronto. Não há uma essência que o precede. Ao existir o homem é o responsável por suas escolhas e determina seu futuro. Ai vai nascer a idéia de liberdade do homem e como essa liberdade se manifesta através da ação. O ser humano se fosse assimilado ao conceito de criação de Deus, teria uma finalidade preestabelecida que o faria condicionado ao seu *destino*, portanto não caberia ao homem criar seu próprio caminho de vida, mas antes aceitar o que lhe é preposto.

O homem é um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito. O que significa dizer que a existência precede a essência: significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. Assim, precedendo a Essência o Homem é responsável por aquilo que é, e isto é vai submetê-lo a responsabilidade da escolha. Dessa maneira, “[...] o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é pôr todo domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade de sua existência.” (SARTRE, p. 6) E quando escolhe o faz pelo bem, e quando faz não pode fazer para si um bem que não seja o bem para todos. A Responsabilidade na escolha então vai ser muito maior porque cada vez que escolhe o faz para uma definição de todos, e quando se engaja o faz isto por ele e por toda a humanidade, justamente “[...] porque nunca podemos escolher o mal.” (SARTRE, p. 7)

Deus não existindo, o homem passa a existir livremente, portanto para escolher, não estará preso a valores ou ordens para determinar suas escolhas e o homem vai se inventando a cada tempo, e a cada conduta de escolher. Existindo, o homem é livre e constrói seu próprio caminho e sua essência. A liberdade é declarada por Sartre a partir de cada circunstância de forma concreta e individualizada. Querendo a liberdade, vamos entender que ela depende integralmente da vontade dos outros e que a liberdade dos outros depende da nossa.

3. O OUTRO COMO DELIMITAÇÃO OU NO CAMINHO DA LIBERDADE

A liberdade enquanto definição do homem nunca vai depender dos outros, mas, como existe o engajamento que decorre da escolha dos outros, ele é forçado a querer sua liberdade e a dos outros. E isto fecha o conceito sem contradição uma vez que o homem é livre mas há aqueles que escolheram antes, e determinaram escolhas necessárias para os que irão escolher depois. Então a liberdade vai sempre depender da liberdade dos outros. Sartre arremata que quando ao nível de uma total autenticidade, que ele é um ser livre que só pode querer a liberdade, qualquer que sejam as circunstâncias, estou concomitantemente admitindo que só posso querer a liberdade dos outros.

Não se pode negar que o outro é o indispensável para mim. A principal consequência do outro na minha existência é que ele me fará ver como eu sou. Reconheço que sou como o outro me vê. E o outro não apenas vai relevar o que eu sou, mas vai me constituir em um novo tipo de

ser que vai sustentar minhas qualificações novas. Sartre afirma que, “para obter uma verdade qualquer sobre mim, necessário é que eu passe pelo outro. O outro é indispensável à minha existência, tal como, aliás, ao conhecimento que eu tenho de mim.” (p. 16) Este outro, que é até um SER vai ser o limitador da minha liberdade ou vai definir a minha escolha necessária. O Outro vai aparecer para mim então, como o precedente da minha escolha. Esta definição formal de liberdade, ou seja, a idéia de poder locomover-se livremente torna-se fácil para a compreensão humana, visto que formalmente está estabelecido que o homem possa vir e ir sem que seja impedido por alguém ou por algo.

A liberdade de escolha é o ponto. Não basta os homens lutarem pela liberdade sem saber que estão fazendo. Se esta luta não é identificada como escolha do homem, ou sem formular para si mesmo lucidamente os meios que utiliza para esta luta, vai viver um sentido a partir da atividade da natureza e dos outros e não de uma escolha sua. Embora o homem escolha-se em relação aos outros ele não pode agir a partir da vontade dos outros, mas deve investigar-se de sua vontade e decidir-se subjetivamente.

4. A LIBERDADE: VONTADE E ESCOLHA

O culto à liberdade foi bandeira em todos os esquemas políticos e ideológicos, como sendo algo sem o qual o ser humano seria incapaz de viver ou estaria de forma permanentemente afastado daquilo que seria o seu desejo e o seu direito mais absoluto. Desta forma, Sartre persiste na idéia de que toda a conduta do homem seja conduzida por sua vontade de tomar esta ou aquela posição, ainda que seja uma posição pré-estabelecida. Ele rejeita a idéia da luta pela luta da escravidão pela escravidão, ou da prestação de um serviço militar, por exemplo, por definição de um Valor. Não, ainda que seja o serviço militar ou a escolha de uma necessidade já derivada da escolha do outro, o homem para manifestar sua liberdade vai agir de acordo com aquilo que quis. “A escolha é possível num sentido, mas o que não é possível é não escolher. Posso sempre escolher, mas devo saber que, se eu não escolher, escolho ainda.” (SARTRE, p. 17)

No Existencialismo de Sartre, o homem deve dar conta de sua existência e sua liberdade aparece de pronto absoluto em sua necessidade imediata de escolha, uma vez que abstraindo Deus de sua vida o homem esta fadado a existir sem que desígnios ou destinos lhe sejam pré traçados. A idéia de Sartre é que o homem Existe e pronto. Ele a partir de existir vai construir sua

essência a partir da sua absoluta Escolha. O homem esta para ser feito e isto não decorre de um acidente ou por atuação potencial da natureza porque a existência do homem parte exclusivamente daquilo que lhe falta. O homem é o ser para-si, ou seja, a negação, o nada que será construído a partir de suas vivências e escolhas. (BORNHEIM, p. 39) Ou seja, o que falta ao homem para existir é sua existência própria. O homem tendo sua existência por precedência ele é. Então, sendo, ele passa a ser condenado a escolher e escolhendo vai estabelecendo valores e fazendo o seu caminho.

Quando eu defino que vou escolher nisto se define e aí se localiza minha liberdade. Não é porque eu escolho este ou aquele objeto, é meu direito de escolher este ou aquele objeto, mas, sim o ato de escolher. A liberdade é um ato de conduta e não um ato final, ou seja, a liberdade não é fim, mas sim o meio. “ Não se trata, portanto, de uma propriedade ou de uma tendência acrescida à minha natureza; trata-se do estofo mesmo do meu ser, e, analogamente à minha consciência...” (BORNHEIM, p. 111) Isto vai nos levar entender o porquê de que ainda que minha escolha seja necessária, ainda assim a liberdade se manifesta como conduta. É na conduta que vai se valorada a minha liberdade. A escolha de morrer é a escolha. A escolha de não morrer é escolher, não é o morrer ou não morrer, mas sim a conduta que vai conduzir a isto que vai determinar a existência ou não da liberdade. O sujeito pode ser livre ao escolher aquilo que é necessário ou somente aquilo que lhe é posto, porém faz sua escolha conscientemente.

Para Sartre, somos livres desde o começo e a liberdade não poderia ser uma conquista a não ser um dado. A liberdade então poderia estar em potência, porém Sartre se nega a percorrer este caminho. Prefere conceber o homem desde o início com um sofrimento de liberdade, uma condenação a escolher, sem que haja uma liberdade em abstrato ou em absoluto. É possível afirmar que a liberdade em Sartre seria o homem se movimentando dentro de um tubo, cujos limites foram escolhas feitas anteriormente por sujeitos que fizeram suas escolhas anteriores e por isto, impuseram-me escolhas necessárias e esta manifestação de pensamento a partir de se eu vou morrer num prédio ou numa casa, não elimina minha liberdade, porque em absoluto ela somente existiria se eu fosse o primeiro habitante do universo e minha escolha fosse absoluta. A partir da primeira escolha todas as escolhas, continuam sendo exercício de liberdade porém não deixa de se caracterizar como condutas de liberdade, porque não é o que será e sim o que escolho que define a minha liberdade.

A liberdade do outro pode parecer como uma palavra sem sentido. Porque cada conduta que tomássemos em relação a ela seria uma violação daquela liberdade. Ai nasce a idéia, quem sabe, de tolerância do outro, mas, tolerar seria tirar-se o livre exercício das possibilidades. Viver, e respeitar a liberdade do outro seria um comportamento de total abstenção. Neste caso, poderemos voltar a idéia de escolha necessária, onde assumo a fatalidade de um dever. Então talvez devêssemos entender o Sentido da Vontade para daí então compreendermos a escolha que antecede a liberdade e seu objeto. A vontade parte é o que vai definir a escolha. Quando assumo minha existência e exerço minha liberdade a faço através de condutas que poderão ser ativas ou passivas, que partem de um desejo de fazer ou querer algo, a vontade é o ato espontâneo que vai percorrer a razão e deliberar a conduta.

5. MÁ-FÉ CONTRÁRIA A LIBERDADE HUMANA

Se o homem é livre e esta liberdade se baseia em suas escolhas conscientes, logo ele deve, assim como escolher, assumir suas escolhas. Sartre, o homem não pode existir sem fazer suas escolhas particulares e comunitárias, para si e para o outro, porém quando este homem escolhe e põe a responsabilidade desta escolha em outrem, ele age de Má-Fé, pois nega a si mesmo.

Assim, as atitudes de negação com relação a si permitem nova pergunta: que deve ser o homem em seu ser para que lhe seja possível negar-se? Mas não se trata de tomar em sua universalidade a atitude de "negação de si". As condutas a incluir neste rótulo são variadas e correríamos o risco de só reter sua forma abstrata. Convém escolher e examinar determinada atitude que, ao mesmo tempo, seja essencial à realidade humana e de tal ordem que a consciência volte sua negação para si, em vez de dirigi-la para fora. Atitude que parece ser a má-fé. (SARTRE, p. 92)

Sendo o homem o ser para-si, este em contínua construção, ao negar-se a si mesmo, nega a sua auto-construção e desta maneira deixa de assumir o controle da sua própria vida. Assim sendo, dentro da perspectiva existencialista, o homem não existe. Visto que sua existência se dá pelas escolhas conscientes o que caracteriza a liberdade humana, negando a mim transferindo minha liberdade, automaticamente nego minha existência.

Se para Sartre, até mesmo não escolher já se caracteriza uma escolha, negar a minha existência seria nem mesmo fazer poder escolher, ou seja, é não ter nem a liberdade de não escolher,



seria não existir. Mas, quando Sartre postula a liberdade humana como meio, é para que o homem não tenha justificativas acerca de suas escolhas, pois elas não são condicionadas por um destino. O homem é aquilo que ele mesmo faz (SARTRE, p. 14), por isso, “para o existencialista não há amor diferente daquele que se constrói...” (idem).

Por conseguinte, cabe ao homem construir seu caminho por meio de suas escolhas sendo sincero consigo mesmo, não negando sua existência e sua liberdade.

6. CONCLUSÃO

No momento que Sartre se esquece de Deus e a Existência torna-se pressuposto da Essência, o homem existe para ser livre e para tal deve fazer seus atos de escolha e todos os seus movimentos de conduta [ação ou omissão voluntária] é um ato de liberdade. Sartre conclui a existência do homem e sua absoluta responsabilidade pela construção do seu Ser e pela escolha do seu modo de existência ainda que seja num caminho de homens precedentes cujas escolhas antecederam aquele que vai escolher. Ainda assim, o homem é livre e este é o seu único destino, Ser Livre.

Por isto talvez é que a Realidade humana nunca estará acabada eis que a finitude humana estará sempre caminhando para o infinito nunca apresentando-se como um todo e sim como um existir contínuo permeado de vontades, escolhas, outros e liberdade.

7. REFERÊNCIAS

SARTRE, J.P. **O Ser e O Nada Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Tradução e notas de Paulo Perdigão . Editora Vozes, 1978.

_____, **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. Editor Victor Civita, 1984.

BORNHEIM. G. A., **Debates: Sartre, Metafísica e Existencialismo**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Editora Perspectiva: São Paulo, 1984.

LEOPOLDO E SILVA, F., **Conhecimento e Identidade Histórica em Sartre**. Artigo acessado em <[HTTP://www.scielo.org](http://www.scielo.org)> em <20/04/2012 às 12:00 horas>